



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

MULHERES PESCADORAS E AS REPRESENTAÇÕES DA SEXUALIDADE NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE CULTURAL

Luana Rodrigues Carneiro-PPGEDUC¹

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA):

luanacarneiro26@gmail.com

Resumo: As reflexões desenvolvidas neste texto, tem o objetivo de analisar as desigualdades históricas, socialmente construídas, entre homens e mulheres e a necessidade de uma abordagem com base nas relações sociais de gênero, inclusive na pesca, demonstrando a dominação masculina, rever os conceitos e dados pré-estabelecidos da história e da etnografia que podem nos mostrar como a hierarquia dos sexos se estabeleceu ou se estabelecem atualmente. Analise sobre o crescente número de estudos que abordam o setor pesqueiro sob um a perspectiva das relações de gênero, para fazer emergir a construção em torno da condição feminina na pesca artesanal, analisando as narrativas das pescadoras-coordenadoras da Colônia de Pescadores Z-16 de Cametá-Pa. Essas questões propiciam uma verdadeira mudança de paradigmas de submissão a qual esse grupo social vem sofrendo, é de extrema importância trazer para o debate e fornecer do ponto de vista a partir das narrativas das pescadoras as suas aspirações, seus anseios desejos, afetos, desafetos, amor e da sexualidade.

Palavras-chave: Pescadoras, Sexualidade, Cultura do Patriarcado.

¹ Mestranda do programa de Pós-graduação Educação Cultura e linguagem PPGEDUC/UFPA.



1

INTRODUÇÃO

O presente artigo é um recorte da minha pesquisa em andamento, realizada no programa de Pós-graduação Educação Cultura e linguagem PPGEDU/UFPA, intitulada *Mulheres pescadoras e as representações da sexualidade na construção de uma identidade cultural*, que tem como objetivo geral problematizar e analisar: Como a divisão sexual do trabalho serve para sustentar os discursos e instrumentos de controle e poder, sobre as práticas das mulheres pescadoras, que atuam como coordenadoras dos setores de localidade de pesca, na qual os homens pescadores detêm controle e poder institucional na entidade? Logo, para possibilitar o alcance de tais objetivos definimos como objetivos específicos: a) Identificar a percepção das mulheres pescadoras sobre a divisão sexual do trabalho no interior da organização política da Colônia Z -16; b) Mostrar a partir dos relatos das mulheres pescadoras suas perspectivas de gênero e sexualidade, trabalho, emancipação feminina na Colônia Z -16; c) Apontar a construção dos discursos e instrumentos de controle e poder, sobre as práticas de trabalho das mulheres pescadoras nos setores de pesca.

Neste caminho, para conseguir aprofundar a análise teórica e metodológica em torno do objeto de pesquisa, apontamos algumas categorias de análise: relações de gênero, sexualidade, cultura do patriarcado, trabalho e empoderamento. Tais categorias não serão analisadas isoladamente, já que elas se articulam para dar visibilidade ao objeto de estudo.

Uma análise traçada a partir de elementos como a cultura local, modos de vida e práticas cotidianas e suas narrativas, sobre a sua atuação como mulheres frente à luta para se entenderem como autoras, com diferentes atuações dentro de uma sociedade, pautada em valores predominantemente masculino, uma vez que, dentro desse contexto se privilegia a presença e a atuação do homem pescador.

As referências às mulheres pescadoras não se restringem apenas em questões do trabalho, mas sim a questões subjetivas, um olhar para si através de suas próprias percepções, instigar nas pescadoras aquilo que está além das percepções frágeis e supérfluas de sua atuação na comunidade ribeirinha.

Seguindo essas compreensões, nosso olhar se faz cada vez mais instigado, a compreender os espaços onde esses sujeitos sociais (pescadoras) se formam



enquanto lideranças, que tipo de função ou trabalho elas realizam, que tipo de visão essas autoras têm sobre a sexualidade, qual o lugar que a mulher ocupa nesse processo íntimo, restritivo e que por muito tempo vem limitando as suas vontades secretas, seu desejo. Qual a dimensão social, individual e coletiva sobre a sexualidade que se encontram submetidos aos ditames da sociedade machista.

Nesse caminho, na tentativa de romper a dicotomia dos papéis historicamente negados às mulheres/pesadoras, dentre os vários espaços de atuação que já foram explorados em pesquisas, parciais, fragmentarias, que variam conforme a posição que ocupam em determinado grupo e conforme mudam as relações desse grupo com outros meios. Este trabalho está embasado em reflexões a partir das narrativas das pescadoras ligadas a entidade representativa Colônia de Pescadores Z-16 de Cametá-PA, dar voz a elas, e estimular (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) simbolicamente, ela é a própria autora de sua vivência, e através de seus relatos podem fornecer uma imagem de anseios, afetos, desafetos, desejos permitindo que seja reconstruído de algum modo nesses escritos.

As visões construídas sobre sua participação, revelam uma mulher com pouca atuação que por muitas vezes se forja a ela a atuação complementar ao homem pescador, que tipo de relação se estabelece realmente entre o pescador e a pescadora? O modo como se concebem a atuação da mulher é marcado por padrões e convenções coletivas que normatizam e padronizam suas ações individuais, imposto pelo meio social, inibindo suas vontades e desejos não permitindo o real desenvolvimento da sua vida social.

Nesse sentido, com base nisso busca-se provocar, a partir dessas indagações alguma mudança, e além disso refletir como está a capacidade das pescadoras de amar, ela tem amadurecido enquanto mulher, se emancipado ou será que está condenada a desempenhar o papel do outro, baseado na submissão.

A mediação da pesquisa com a história de vida segundo Josso (2007, p. 416):

Evidencia a exigência metodológica de pensar as facetas existenciais da identidade através de uma abordagem multirreferencial que integra diferentes registros do pensar humano (as crenças científicas, crenças religiosas, esotéricas), assim com as diferentes dimensões de nosso ser no mundo. Se abordamos a vida das pessoas na globalidade de sua história, as variações dos registros nos quais elas se exprimem, e as múltiplas facetas que elas evocam de seu percurso, é realmente difícil não tomar consciência das sinergias positivas ou negativas entre as dimensões psicossomáticas, psicológicas,



sociológicas, antropológicas, sócio-históricas, espirituais por exemplo que intervêm na expressão evolutiva da existencialidade e, assim, da identidade.

A autora em “a transformação de si a partir da narração de histórias de vida” afirma que, trabalhar as questões de identidade, expressões de nossa existencialidade, através de análise e da interpretação das histórias de vida, permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida, impõe a criação ou recriação de sentido para si, mais ou menos possível de partilhar com outros e de novas formas de existência e subsistência, fazer emergir dimensões escondidas de si, que redinamizam o projeto de si porque recompõem os recursos e a coerência pessoal.

Para Pollak (2013), a “memória contribui para a criação do sentimento de identidade dos indivíduos e grupos”. A identidade é autoimagem que os indivíduos e grupos constroem para si e para os outros. Destaca ainda, o caráter negociador e potencialmente conflituoso do processo de formação das lembranças, apontando a existência de memórias hegemônicas e subterrâneas, subversivas, revolucionárias. Por serem reprimidas durante longos períodos, essas lembranças carregam um aspecto traumático, irrompendo com uma

força incontrolável quando as condições se mostram favoráveis.

Devido ao seu caráter marginal, esse tipo de recordação sobrevive através de canais informais de transmissão, sendo marcado pela oralidade. Assim, história oral se apresenta como método valioso para a construção do conhecimento sobre o passado, partindo das memórias individuais como via de acesso para a reconstrução das memórias dos grupos. Para esta autora a memória é coletiva, mas isso é apenas uma parte do que ela é. Reconhece, portanto, o poder de agência dos sujeitos e a importância das práticas individuais para a construção, mudança e atualização das estruturas sociais.

Encontramos na história oral, o método mais apropriado para a captação das memórias das pescadoras, com seus testemunhos pessoais, ou seja, os relatos orais em primeira pessoa, nos quais os entrevistados procuram reconstruir as ricas experiências plenas de realidade vivenciadas por elas, dentro de um ambiente ao qual estão inseridas.

Segundo Josso (2007), é “assim que nossos fragmentos de memória individual e coletiva se transformam em recursos, em fertilizantes, em inspiração para que nosso imaginário de nós-mesmos”, possam inventar essa indispensável continuidade



entre o presente e o futuro, graças a um olhar retrospectivo sobre nós mesmo.

De fato, os relatos das pescadoras são uma maneira de dar vida e de dar forma a uma sensibilidade ou sensibilidades quando se trata de criações coletivas – maneira essa que articula o potencial mais original, com uma forma coletivamente reconhecível, ocupando um lugar na continuidade histórica. Permitindo analisar o contexto singular remetendo verdadeiramente a referências coletivas (socioculturais e sócio-históricas).

Para a realização da coleta de dados se utilizará algumas fontes disponibilizadas na instituição para se chegar aos objetivos propostos, como o levantamento documental na Colônia Z-16 de Cameté, registro em arquivos com o quantitativo de associados e associadas, ano, data, períodos de atuação como profissionais da pesca.

Becker (1994) A história oral ainda que não seja o único tipo de informação que possa fazê-lo, propicia uma base sobre a qual, estas pressuposições podem ser feitas de modo realista, como uma aproximação a grosso modo, da direção na qual se encontra a verdade em virtude de sua riqueza de detalhes.

Trabalhar com relatos das mulheres pescadoras, acerca das vivências na pesca, com a utilização de um roteiro de

perguntas articuladas com os objetivos de pesquisa, sendo direcionados as pescadoras/coordenadoras das 12 coordenações vinculadas a entidade Colônia Z-16 de Cameté-PA, de cada localidade, selecionada de acordo com a atuação organizacional na instituição, os critérios para escolhas das informantes de cada localidade serão os locais com maior número de pescadoras associadas, localidades que tem mulheres como coordenadoras, as pescadoras/coordenadoras para entrevista serão selecionadas de acordo com os seguintes critérios: idade, tempo de atuação como pescadora profissional, tempo de atuação como coordenadoras, envolvimento em movimentos sociais e participação comunitária.

É necessário fazer antes um levantamento histórico e cultural, do que é ser mulher na sociedade moderna e mais especificamente atentarmos-nos nestes escritos a um apanhado histórico, em que as mulheres mergulhadas em um silêncio imposto pela história geral do preconceito contra a mulher, a misoginia é de longe o mais sólido mais histórico, mas arraigado e mais definidor de todo o preconceito da espécie humana.

2 O PATRIARCADO COMO BASE DO MACHISMO E DA DITADURA CULTURAL DO MASCULINO



Desde o surgimento das civilizações no mundo, o patriarcalismo veio se consolidando como base de supremacia a outros agentes sociais, principalmente no que diz respeito a organização social, frente a realidade histórica da mulher, porém, isso se evidência pelas decisões estabelecidas em detrimento do poder e da submissão.

A esse respeito, se faz necessário analisar a relação patriarcal, uma vez que, isso se caracteriza,

Provavelmente a vontade de dominar a natureza levou o homem a dominar a mulher, identificada como a natureza pelo fato de estar mais próxima aos processos naturais da gestação e do cuidado com a vida. [...] naturalizando essa dominação histórica e introjeta-las nas mulheres, a ponto de fazê-las aceitarem esta situação como normal. (BOFF, 2010 p. 51).

As relações entre homem e mulher modificaram a partir do momento em que vai haver o declínio das primeiras culturas, as de coletas consideradas por historiadoras feministas como matricêntricas, a força física não era necessária às mulheres governavam a sociedade pelas linhagens femininas, estas governavam pela persuasão, por sedução, de baixo para cima, por consenso porque não sabiam – nem o homem nem mulheres - quem era o pai da criança. Assim os homens se sentiam mais ou menos marginais e as mulheres eram consideradas

quase sagradas, porque supunha-se que se pariam dos deuses.

De acordo com Muraro, é necessário compreender que:

O poder gerador da mulher era a origem do seu poder econômico. Nessas comunidades a vida era gozosa, bastava colher os frutos das árvores e caçar pequenos animais para se ter as suas necessidades satisfeitas. O resto do tempo ficava disponível para as atividades prazerosas, que incluíam o contato direto com a natureza e com os outros membros do grupo havendo um delicado equilíbrio entre seres humanos e a natureza, entre os grupos de idade, entre homens e mulheres, entre pais e filhos etc. (2010, p.168).

A sexualidade genital, também era menos intensa e existia uma erotização da vida como um todo, as pessoas sabiam gozar e sofrer: viver e morrer, as relações humanas transcorriam por meio do amor. Não havia o casamento como conhecemos hoje, as relações entre homens e mulheres eram mais fluidas, por isso, mais fáceis de começar e também de terminar.

Quando a exuberância da natureza vai diminuindo, faz-se necessário o uso da força física, para a caça dos grandes animais, com isso, aos poucos aparece as culturas baseadas na prática da caça. E o mais forte começa a dominar os mais fracos. Inicia-se a rotina da luta pela conquista de território, e o gênero masculino torna-se hegemônico. Essas culturas vêm, assim até o patriarcado, que começa na época em que os homens



descobrem o seu papel na procriação, aproximadamente a vinte mil anos. Isso acontece ao mesmo tempo que descobrem as técnicas para fundir metais.

Segundo Beauvoir (1970), a mulher representaria um caso particular da dialética imposta pelos homens – dialética do senhor-escravo –, impedindo que ela expressasse a sua diferença e elaborasse a sua identidade, o homem fez da mulher a encarnação do outro, no qual se permite descobrir, confirmar e projetar o seu próprio eu.

O drama da cultura patriarcal reside no fato de ela ter usurpado o princípio masculino somente para o homem, fazendo com que este se julgasse o único detentor da racionalidade, do mando e da construção da sociedade, relegando para a privacidade e para as tarefas de dependência a mulher, não raro considerada um apêndice, objeto de adorno e de satisfação. Ao não integrar o feminino em si, o homem se enrijeceu e se desumanizou. Deste modo, se mutilaram a construção da figura do ser humano uno e diverso, recíproco e igualitário.

As posições de dominação e subserviência ocorreram na circularidade e na flexibilidade, em outras palavras, o movimento entre submissão, dominação e resistência desenha as relações sociais.

As relações de dominação entre homens e mulheres construíram relações de gênero altamente conflitantes, nas quais são também “relações de poder, estabelecidas a diferentes práticas sociais, moduladas nas constantes negociações, avanços, recuos, consentimentos, revoltas, alianças [...] os gêneros se produzem, por tanto, nas relações de poder” (LOURO, 2003 p. 39-41). O desafio atual consiste em desarticular a dominação dos homens sobre as mulheres, que desumanizou a ambos, mas principalmente as mulheres, mediante símbolos, linguagens, formas de exercício de poder, instituições, visões de mundo, valores religiosos que levam a marca da cultura do patriarcado e da continuada exclusão da mulher nos processos de decisão.

Uma das consequências da revolução industrial é a participação da mulher no trabalho produtor: “nesse momento reivindicações feministas saem do plano teórico, encontram fundamento econômico. Seus adversários fazem-se mais agressivos”. (BEAUVOIR, 1970, p. 17).

Embora os bens de raiz se achem em parte abalado, a burguesia apega-se a velha moral que vê na solidez da família, a garantia da propriedade privada: exige a presença da mulher no lar tanto mais vigorosamente quanto sua emancipação



tornou-se uma verdadeira ameaça mesmo dentro da classe operária os homens tentam frear essa libertação, por que as mulheres são encardas perigosas concorrentes, habilitadas a trabalhar por salários mais baixos.

Assim segundo as interpretações das formações da sociedade brasileira (HOLANDA, 1963) “podemos observar que a burguesia conservadora continua a ver na emancipação da mulher um perigo que lhe ameaça a moral e os interesses”. Segundo Beauvoir as mulheres em seu conjunto são inferiores aos homens, isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores: o problema consiste em saber se este estado de coisas deve perpetua-se.

Giddens (1992) acredita que “as mulheres comuns, que tratavam de suas vidas cotidianas, e as feministas foram pioneiras em mudança de grande e ampla importância”. Essas mudanças dizem respeito a uma exploração das potencialidades do “relacionamento puro”, um relacionamento “ideal” com uma igualdade sexual e emocional, explosivo em suas conotações em relação às formas preexistentes de hierarquia de poderes na sexualidade.

A emergência do que Giddens (1992) chama de sexualidade plástica, ou seja, a sexualidade descentralizada e liberta das necessidades de reprodução, é crucial à

emancipação feminina implícita no relacionamento puro, assim como à reivindicação da mulher ao prazer sexual. Nos estudos sobre a transformação da intimidade nas sociedades modernas, o autor considera a intimidade como uma negociação transacional de vínculos pessoais, estabelecida por iguais, que implica uma total democratização do domínio interpessoal, de maneira plenamente compatível com a democratização na esfera política.

2.1 TRABALHO E SEXUALIDADE

No fim do século XX, com a segunda revolução industrial, a mulher entra para o domínio público porque o sistema competitivo faz mais máquinas do que homens. No início do século XXI as mulheres são praticamente 50% da força de trabalho. Hoje, elas trazem para o sistema produtivo e para o Estado algo radicalmente novo. Boff (2010) afirma que foi apenas o homem que se tornou competitivo, porque se destinou ao domínio público. A mulher no domínio privado conservou os valores de solidariedade e partilha. Milenarmente ela tem sido educada para o altruísmo e o cuidado.

Constantemente a sexualidade se depara submersa em um espectro de valores morais, demarcados e



demarcadores de condutas, usos e hábitos sociais que se remetem a mais de um sujeito. Todavia, é urgente e necessária uma reflexão sobre a sexualidade humana. O ser humano vive num ambiente “sexualizado” e os discursos sobre sexualidade tecem todos os domínios da vida cotidiana, de forma ambígua, apelativa, problematizadora, mistificadora e condicionadora.

Helena Hirata (2002) afirma que a divisão do saber e do poder é constitutiva da divisão sexual do trabalho e das relações de poder entre homens e mulheres e que isto deve ser levado em conta na análise das perspectivas futuras do trabalho feminino.

O humano é o único animal que possui a capacidade de entrar em conflito com a realidade, porque pode modificá-la. E sem esse conflito não há crescimento. Marx diz que a essência do homem está no trabalho – princípio da realidade – Freud, que está no desejo – princípio do prazer. Assim, o desejo deve estar subjacente à motivação que leva o homem a trabalhar. Atentaremos-nos, no entanto, na relação entre ambos.

A sexualidade é expressa no mesmo corpo que trabalha. Então, o trabalho também interfere na expressão da sexualidade. E, mais, a sexualidade que é expressa no corpo, está, também, na

subjetividade, no universo simbólico, local onde está o trabalho porque é constituidor do ser humano. Segundo Antunes (2007), é através do trabalho que o ser humano se constitui como Humano; que através do desenvolvimento e aprimoramento do trabalho, suas técnicas e instrumentos, que vai ser possível a evolução da espécie. E, que através do trabalho se dá a satisfação das necessidades humanas, bem como a possibilidade de conforto e bem-estar. Junto a isto, o trabalho, é a única forma capaz de gerar os bens, que por sua vez podem ser apropriados por poucos, ou, socializados entre todos e todas. Como a sociedade em questão é capitalista, os bens, fruto do trabalho acabam sendo apropriados pela minoria. O trabalho pode se transformar tanto em elemento de prazer e satisfação, como de frustração e alienação.

A alienação do trabalho, conforme Marx (2008), se dá quando “o ser humano não se reconhece naquilo que faz”. E, na sociedade capitalista, quase que a totalidade do trabalho considerado produtivo, é alienado e alienador – porque é expropriada pelos capitalistas. O sistema econômico fabrica a sexualidade de todos os sujeitos e a coloca a serviço de sua perpetuação. Voltando a refletir sobre sexualidade e trabalho, Muraro (2004), quando fala de si, faz a afirmação de que



em seu casamento, levava uma vida sexual boa, no entanto era impossibilitada de se expressar intelectualmente. Para ela o exercício da intelectualidade era seu trabalho, prazeroso. A autora cita este fato para dizer que era tolhida sexualmente, uma vez que, não sentia-se realizada no casamento que mantinha. Este elemento confirma a junção de trabalho como sendo pertinente à sexualidade. Na mesma obra ela escreve:

As bruxas na Idade Média eram as mulheres que tinham orgasmo e poder. As duas transgressões mais graves que uma mulher poderia viver. Na idade Média todas as mulheres que sentissem prazer e fossem inteligentes mereciam a fogueira, uma vez que, tal prática se justificava, como forma de castigo. (MURARO, 2004, p. 162).

A realidade de vida das mulheres com relação ao trabalho é bastante dura. Segundo a Sof (2005), as mulheres realizam dois terços do trabalho do mundo, sendo que a remuneração delas é de um terço, se comparado ao valor recebido pelos homens. Neste caso fica evidenciada a sobrecarga de trabalho, além do não reconhecimento pelo trabalho realizado. Contudo, sem melindres dá para afirmar que estes são elementos que constituem uma sexualidade frustrada nas mulheres. Outro elemento importante a destacar é que, à medida que a classe social vai baixando de *status*, as punições são cada

vez mais graves, tanto para homens quanto para mulheres, na área da sexualidade e do trabalho. Muraro (2010) a mulher camponesa é a mais oprimida de todas, porque no campesinato as sanções para a mulher são as mais pesadas, pois nesta classe, a família é o lugar da produção e reprodução da força de trabalho.

2.2 MULHERES PESCADORAS

Feito um breve levantamento histórico e cultural da construção da situação que a mulher ocupa neste mundo.

Sobre as pescadoras é necessária uma abordagem da relação de gênero na pesca mostrando, assim, as construções sociais de gênero decorrentes de padrões históricos que influenciam nos modos de produção pesqueira na participação de mulheres e homens nos diferentes contextos da pesca.

Nos estudos de Maneschy (2012) “o gênero continua sendo um eixo de injustiça socioeconômica e cultural, pois ainda define a separação entre trabalho produtivo e reprodutivo”, retrata também sobre movimento de mulheres pescadoras que tem contribuído para questionar o *status quo* e inscrevê-las em políticas de empoderamento, sobretudo no que toca a espaços e direitos sociais.

As reivindicações de mulheres, por partir do reconhecimento de seus



vários papéis – econômicos, sociais e políticos – tendem a significar empoderamento das comunidades no tocante ao controle dos recursos que dependem. Isso porque tratam de trazer a gestão pesqueira para o nível local, compreendendo que pesca artesanal, como as demais atividades produtivas, não se mantêm por si sós, através de laços mercantis. Ao contrário, decorrem de um conjunto de funções e relações, envolvem mulheres e homens, tarefa associada a saberes diversificado, a sociabilidades e a espaços interacionais específicos.

De acordo com Motta-Maués (1999, p. 379), em sua concepção, pontua que:

Sendo a pesca, no país, atividade tradicionalmente exercida pelo homem e, mas, do que isso, sempre pensando (pelos próprios homens membros das comunidades pesqueiras) como domínio essencialmente masculino [...] faz referência à ideia de invisibilização da mulher de modo geral, e daquela que vive em comunidades pesqueiras.

A crítica à invisibilidade da mulher em comunidades pesqueiras pela autora, evidencia a hierarquização entre gênero, onde a pesca privilegia a supremacia do homem, enquanto sujeitos sociais, caracterizado em uma visão de subalternização em relação a mulher.

Motta Maués (1999) discorre ainda,

Sobre interpretações e (in) visibilidades sobre; pesca, pescadores, mulheres e antropologia moderna, construiu sua identidade centrada no elogio da diferença [...] todos que escreveram sobre comunidades pesqueiras replicaram o discurso público que ouviram nessas comunidades [...] mas dizer isso ajuda a perceber sobre um ângulo importante, mas não o único da questão.

Seguindo uma tendência que se observa no plano internacional, as pesquisas sobre mulheres no Brasil, apresenta um crescimento somente a partir dos anos 70 e 80, período que retrata o desenvolvimento e as mudanças de rumos dos estudos sobre mulher e gênero (MOTTA-MAUES, 1999, p. 379).

Para sintetizar, os estudos sobre gênero na pesca inicialmente criaram uma espécie de invisibilidade da mulher, não permitindo que elas fossem reconhecidas como pescadoras, como trabalhadoras da pesca; em segundo plano, as abordagens que definiam pescadores não permitiam que as mulheres se identificassem como pescadoras, era vista como o papel de ajuda. Em terceiro, os estudos mais recentes têm destacado o papel ativo das mulheres, em que ela é também uma trabalhadora da pesca.

Sobre a questão da pesca na Amazônia, na região de várzea amazônica e de influência estuarina, a população, dada a sazonalidade dos produtos, há a polivalência de atividades, onde a extração de pescado, açai e de camarão são



complementares entre si e importantes tanto para a dieta alimentar da população residente quanto para a economia familiar (HIRAOKA, 1993; LEITÃO, 1997; FURTADO, 1993; LEITÃO, 2008).

Como todos os demais ribeirinhos da Amazônia, as pescadoras do baixo Tocantins, possuem uma relação particular com os recursos naturais e são portadoras de saberes, técnicas, estratégias e alternativas peculiares de convivência tradicional de pesca.

3 CONCLUSÃO

Os estudos sobre as Mulheres pescadoras, nos permite ir mais afundo na especificidade da representação da sexualidade na construção de uma identidade cultural, que marcam de certo modo a posição que a mulher ocupa nesse grupo social.

Permitimo-nos nesses escritos iniciais a sair de uma visão estereotipada dos papéis dos sexos, sem, contudo, recair nas teses desacreditadas de um matriarcado original. Incitando assim, a um mergulho na história, nas práticas, nos lugares, nas vidas das mulheres. Isso, segundo Perrot, constituiu uma forma de tomada de consciência indenitária, uma tentativa de memória, e mais ainda de releitura dos acontecimentos e das evoluções, de medida de diferença dos sexos, isto é, do gênero.

Podem-se perceber como a história geral afeta as relações de hierarquia entre homens e mulheres, as revoluções do século XX constituem brechas nos sistemas de poder, homens e mulheres vivem juntos os grandes acontecimentos, as rupturas do tempo.

Abordagem sobre sexualidade de pescadoras artesanais, está dirigida na importância em ampliar as discussões sobre gênero, sexualidade, desconstruir paradigmas históricos de submissão, reconhecimento social e a divisão sexual do trabalho e os discursos e instrumentos de controle e poder sobre as práticas das mulheres pescadoras, que atuam como coordenadoras dos setores de localidade de pesca, para nós, entrar no mundo dos significados das pescadoras em seu cotidiano e no universo das ações e do papel da sexualidade desempenhado por elas, por entendermos que as relações sociais de gênero se manifestam e se desenvolvem no cotidiano das pescadoras buscamos identificar e analisar o significado que as pescadoras artesanais, as colônias dão ao trabalho por elas realizado. As desigualdades históricas, socialmente construídas, entre homens e mulheres e a necessidade de uma abordagem com base nas relações sociais de gênero, inclusive na pesca, demonstrando a dominação masculina.



Atualmente, a sexualidade humana é definida como uma dimensão biológica produzida no contexto social, cultural e histórico, no qual o sujeito se encontra inserido recebendo, deste modo, forte influência do convívio social na construção da significação para o sujeito.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo (org). **A Dialética do Trabalho**. Escritos sobre Marx e Engels. São Paulo. 2ª. Ed. Expressão Popular, 2007.
- BEAUVOIR, Simone, **Segundo Sexo**. São Paulo. Tradução de Sérgio Milite São Paulo. 4ºedic. Difusão europeia do livro, 1970.
- BOFF, Leonardo. MURARO, Rose Marie. **Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças** – Rio de Janeiro: Recorde, 2010.
- _____. **Saber Cuidar**. Ética do humano-compaixão pela Terra. São Paulo. Vozes, 1999.
- CARVALHO, Horácio Martins de. (org). **O Campesinato no Século XXI**. Petrópolis. Vozes. SP, 2005.
- _____. (org). **Sementes Patrimônio dos Povos a Serviço da Humanidade**. Expressão Popular. SP, 2003.
- CONTE, Isaura Isabel. **Mulheres feministas e camponesas?** Revista eletrônica Espaço da Sophia. Vol. 15, ano II, Junho/2008.
- FARIA, Nalu e NOBRE, Miriam (org). **A Produção do Viver**. São Paulo. SOF – Sempre viva Organização Feminista, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. RJ. 59ª ed. Paz e Terra, 2015.
- FREUD, Sigmund. **A dissolução do complexo de Édipo**. ESB, vol XIX, p.205ss
- FURTADO, Lourdes Gonçalves. LEITÃO, Wilma, MELLO, Alex Fiuza. **Povos das águas: Realidade e perspectivas na Amazônia**, Belém: Museu paraense Emilio Goeldi, 1993.
- GEBARA, Ivone. **Cultura e Relações de Gênero**. São Paulo. Cepis, 2001.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.
- _____. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- HELENA HIRATA, **Reorganização da Produção e Transformações do Trabalho: uma nova divisão sexual?** In Gênero e democracia, Cristina Bruschini e Sandra G. Unbehaum – organizadoras, 1ª edição, Rio de Janeiro, Editora 34 Ltda., 2002.
- JOSSO, Marie Cristine. **a transformação de si a partir da narração de historia de vida**. Porto Alegre/RS, ano xxx, n.3 (53), p.413-438, set/dez.2007.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008a. V.1.
- MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. **Trabalhadeiras & Camaradas: relações de gênero, Simbolismo e ritualização numa comunidade Amazônica**. Belém: UFPA, 1993.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 4ª ed.revista pelo autor. São Paulo: Companhia das Letras, 1963.
- MURARO, Rose Marie. **Um Mundo Novo em Geração**. Campinas, Verus, 2003.
- _____. **Memórias de Uma Mulher Impossível**. 5ª ed. Rosa dos Ventos. Rio de Janeiro, 2004.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

_____ Os Seis Meses Em Que Fui Homem. RJ. 7ª. Ed. Rosa dos Tempos, 2001.

_____ Textos da Fogueira. Rio de Janeiro. Letra viva, 2000.

PAÑUELOS EM REBELDÍA. Hacia **Una Pedagogia Feminista**. Gêneros y Educación Popular. América Libre. Buenos Aires, 2007.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. Tradução Roberto de Leal Ferreira. São Paulo. Fundação: editora da UNESP. 1998.

_____ **Minha história das mulheres** [tradução Ângela M.S Correa]. – 2.ed.4º reimpressão. SP: Contexto, 2017.

RICHARTZ, Terezinha apud Safiotti H. **Conceituado Gênero e Patriarcado**. PUC São Paulo, 2004.

RIOS, Fabio, **Memórias coletivas e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michel Pollak e Beatriz Sarlo**. in revista contexto, 2013, vol. 5. Nº01.p 1-22.

SOF. **Economia Feminista**. Caderno de textos. São Paulo. SOF, 2005.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero